

Os Oblatos Josefinos e a Formação da Comunidade Católica de Cambira (PR)

Alessandro Arzani (PIBIC-CNPq – História-UEM)

Dra. Sandra de Cássia Araújo Pelegrini (DHI-UEM)

Resumo: O presente trabalho apresenta uma breve leitura do processo de formação da comunidade católica de Cambira (PR), entre a década de 1940 e o ano de 1966, contemplando as atividades desenvolvidas durante o período de atuação dos padres josefinos. A partir da perspectiva apresentada por Michel Pollak, a memória que parece ser um fenômeno individual, deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social. Os elementos constitutivos dessa memória são os *acontecimentos* vividos pessoalmente e são os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Ao eleger o período de atuação de padres Josefinos em Cambira, considera-se a importância da atuação desse Oblatos no Norte do Paraná e delimita-se o período de formação da paróquia São José de Cambira (PR). Desde 1919, os josefinos estão no Brasil, porém são pouco conhecidos. Assumiram a paróquia de Apucarana (PR) em 1948 e, assim, passaram a administrar também a congregação de Cambira. Esta pesquisa tem por objetivo analisar o processo de formação da comunidade católica de Cambira (PR) entre a década de 1940 e o ano de 1966, contemplando a atuação de padres josefinos nesse período e alguns aspectos da memória cambirenses sobre os mesmos. Desse modo, destacar-se-ão: o contexto histórico onde está inserida a formação da primeira comunidade católica em Cambira; os principais traços do estabelecimento e da atuação dos josefinos em Cambira; os elementos representativos da memória de cidadãos cambirenses relacionados à formação da comunidade católica e à atuação dos josefinos; e a partida dos josefinos do município. Para alcançar esses objetivos, foi realizado um levantamento de informações sobre os primeiros registros da Igreja Católica em Cambira. As informações fornecidas pelo Pe. Francisco Taboni Adami, pároco local, contribuíram para a identificação de possíveis fontes. Também foi possível contar com o *Livro Tombo*, que contém importantes registros sobre a administração da Igreja local. Recorre-se, ainda, ao levantamento e análises de algumas fontes orais. A história oral é fundamental para a investigação e análise de informações de pessoas que se instalaram na região na mesma época dos josefinos e que auxiliaram na construção da igreja matriz, foram batizadas nessa comunidade ou vivenciaram diversas experiências nesses limites. Mediante esse processo, considera-se o valor da memória. Nesse sentido, a busca pela memória cambirenses abre espaço para o descobrimento de vestígios de *acontecimentos* representativos da comunidade. Esse processo produz um autoconhecimento social. Buscam-se também antigos registros imagéticos da cidade que, como aponta Le Goff, têm o poder de revolucionar a memória, multiplicando-a e democratizando-a. Por isso, no desenvolvimento dessa pesquisa também é empreendida a análise de algumas fotografias.

Palavras-chave: Cambira (PR); Memória; Oblatos de São José.

Introdução

Município da mesorregião norte central paranaense, Cambira pertence à microrregião de Apucarana (PR). Nos seus limites estão Apucarana, Novo Itacolomi, Jandaia do Sul, Mandaguari. Segundo o IBGE sua população estimada em 2009, era de 7142 habitantes¹.

Tornou-se distrito de Apucarana através do Decreto Estadual 30/53 de 26 de novembro de 1953². Em 1961, por meio da Lei 4.338 de 25 de janeiro, Cambira foi estabelecida como município³. A primeira capelinha de Cambira, segundo informações locais⁴, foi construída nas terras de Diogo Ávila Munhoz, da Vila Santa Maria⁵. A comunidade cresceu e, de acordo com Narciso Capelotto⁶, a primeira paróquia de Cambira foi criada em 03 de maio de 1959, tendo como primeiro pároco o Pe. Erminio di Gioia (OSJ).

A *Congregação dos Oblatos de São José*, da qual esse era sacerdote, foi fundada em 14 de março de 1878, em Asti, norte da Itália, pelo então Pe. Giuseppe Marelllo. Seu principal empenho foi a educação da juventude local. Em 1889, Giuseppe Marelllo tornou-se bispo da Diocese de Ácqui (Itália) e faleceu em 1895, aos 50 anos de idade. O grupo iniciado por ele, no entanto, continuou a crescer gradativamente e espalhou-se pelo mundo. Atualmente seus membros, em número modesto, encontram-se na Itália, Brasil, Peru, Bolívia, México, EUA, Filipinas, Índia, Nigéria, Polônia, Eslováquia e Chile. Os Oblatos de São José (também chamados de "josefinos") chegaram ao Brasil em 1919, convidados pelo Bispo de Curitiba Dom João Braga. Seu primeiro campo de apostolado foi em Paranaguá, onde atendiam a todo o litoral paranaense⁷.

Essa pesquisa limita-se à análise da atuação dos josefinos entre a década de 40 e 1966 e a memória dos Cambirenses sobre o período, procurando nos registros religiosos, na memória dos municípios e em outros documentos os sinais que podem levar ao conhecimento do processo de formação da primeira comunidade católica no espaço que constitui hoje o município de Cambira.

Ao se empreender uma pesquisa sobre o processo de formação da comunidade católica e a atuação dos padres josefinos, Cambira passa a ser mais do que um simples município do norte central paranaense. Torna-se, no âmbito do estudo histórico, a dimensão das dinâmicas históricas que envolvem o lugar, as pessoas e as ideias que se relacionam dentro de limites flexíveis da sociedade. Essa dinamicidade é compreendida pelo fato de não estar isolada socialmente de um contexto maior e nem estar imóvel no tempo.

Embora os Oblatos de São José desenvolvam um significativo trabalho ao redor do mundo, pouco se sabe sobre eles no Brasil. Muito diferente do que acontece sobre o conhecimento de outras ordens e congregações como a dos Franciscanos e a do Imaculado Coração de Maria. No ano de 2009 a paróquia São José de Cambira completou 50 anos. A data é expressiva, mas considerando a falta de material histórico preservado, se nenhum registro dessa história for feito rapidamente, não é possível otimista sobre o que restará para o próximo cinquentenário.

O presente trabalho visa analisar historicamente o processo de formação da comunidade católica de Cambira (PR) entre a década de 1940 e o ano de 1966, contemplando a atuação dos josefinos nesse período e alguns aspectos da memória cambirenses. Desse modo, destacar-se-ão: o contexto histórico onde está inserida a formação da primeira comunidade católica em Cambira; os principais traços do estabelecimento e a atuação dos josefinos em Cambira; os elementos representativos da memória de cidadãos cambirenses relacionados à formação da comunidade católica; e a partida dos josefinos do município.

Para alcançar os objetivos acima, foi realizado um levantamento de informações sobre os primeiros registros da Igreja Católica em Cambira. As informações fornecidas pelo Pe. Francisco Taboni Adami, pároco local de Cambira, contribuíram para a identificação de possíveis fontes.

Também foi possível contar com o *Livro Tombo*, que contém importantes registros sobre a administração da Igreja local. Também se recorre aos procedimentos e métodos da história oral. A história oral demonstra-se fundamental para a investigação e análise de informações de pessoas que se instalaram na região na mesma época dos josefinos e que auxiliaram na construção da igreja matriz, foram batizadas nessa comunidade e vivenciaram diversas experiências nesses limites. Mediante esse processo, considera-se o valor da memória. Como destacou Pollak, a memória que parece ser um fenômeno individual, deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social⁸. Nesse sentido, a busca pela memória cambirenses abre espaço para o descobrimento de vestígios de *acontecimentos* representativos da comunidade. Esse processo produz um autoconhecimento social. Buscam-se também antigos registros imagéticos da cidade que, como aponta Le Goff⁹, têm o poder de revolucionar a memória, multiplicando-a e democratizando-a. Por isso outro recurso igualmente importante como fonte de informação é a fotografia. No desenvolvimento dessa pesquisa também é empreendida a análise de algumas fotografias.

O início da comunidade católica local

Em 30 de abril de 1959, o Bispo de Londrina Dom Geraldo Fernandes CMF¹⁰ instituiu a Paróquia de Cambira¹¹. Para se compreender a organização de uma paróquia é preciso compreender, antes, esse processo de formação de comunidade.

A área que hoje forma o município de Cambira, na microrregião 8 do norte central do Estado do Paraná fazia parte do município de Apucarana-PR, conforme o loteamento da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP). “Cambira” é o nome dado a um cipó com flor lilás que era muito comum na região. O cipó deu nome a “Estada da Cambira”, que hoje é a Avenida Belo Horizonte da cidade, que passa ao lado da igreja matriz e segue como “Rodovia do Milho” para o Bairro Bela Vista.

Segundo o memorialista Narciso Capeloto¹², a primeira família a ocupar as proximidades da região de Cambira foi a do Sr. Francisco Carneiro de Souza, em 1936. Pouco depois trouxe também sua família. Dedicaram-se à produção de rapadura, açúcar, industrializavam farinha e comercializavam cereais em Apucarana-PR. Seguindo o ciclo de “ocupação” da região, outros se estabeleceram no local. Vieram João Piovesan e família e Pedro Blanco, que adquirira um lote na Gleba Dourados. Dito Alves, Carrascoso, Grossi e José Rodrigues chegaram no mesmo ano, na região do atual bairro da Bela Vista. Em 1939 as famílias Campanholi e Marafon desembarcaram no vilarejo. O principal trabalho a ser empreendido pelos recém-chegados era a “limpeza” dos sítios para o cultivo de café e outras culturas básicas.

Capeloto considera que a maior onda de migrantes para a região ocorreu entre 1940 e 1950. Nessa época as lavouras de café demandavam muita mão-de-obra. A comunidade católica de Cambira, assim como em outros diversos municípios, formou-se devido ao estabelecimento de migrantes católicos para aquele local.

Ainda segundo Capeloto, em 1947 teria sido formada a Vila Formosa, um loteamento empreendido pelo Sr. Marco José Calsavara. No ano de 1954, Júlio Sapatini, Geraldo Marcato e Cecílio Nakad adquiriram de João Davanel uma área e a desmembraram em lotes urbanos. Gradativamente foi ganhando tamanho um núcleo significativo no local, por isso em 1953, tornou-se distrito a então chamada Vila São José de Cambira. No entanto, em conversas com moradores locais é comum notar que muitos reivindicam a posição especial de “pioneiro” ou “fundador”. A falta de documentos claros dificulta a análise das versões. O livro *Cambira* de Narciso Capeloto, apresenta uma série de informações colhidas com alguns antigos moradores. Muitos dos consultados já não podem ser novamente entrevistados.

A área onde hoje se localizam a igreja matriz, a Praça dos Pioneiros, o Parque Infantil João Paulo I e o Salão Paroquial teria sido doada por Diogo Ávila Munhoz. Segundo o Sr. Antenor Calsavara¹³, desde 1942 já havia um cruzeiro cravado no chão pelos primeiros moradores e uma escola rural na propriedade de Eugênio Vinholi. Depois, no terreno doado pela família Ávila Munhoz foi construída uma barraca coberta com folhas de palmeira, onde eram celebradas as missas. Em 1947 teria sido construída a primeira Capela, sendo o padroeiro São José. O Sr. Antenor, ainda aponta que a primeira missa foi rezada em 19 de março de 1948, pelo Padre Francisco Korner, vigário da Paróquia de Apucarana-PR.

Antes de chegarem a Cambira e ao norte do Paraná, os Oblatos Josefinos desenvolviam um significativo trabalho em Ourinhos (SP), que nessa década de 40 contava com os projetos da organização de um Seminário da própria Congregação. Em maio de 1948, começaram um trabalho da paróquia de Araruva, hoje chamada Marilândia do Sul (PR). Mas havia muitos problemas de infra-estrutura viária.

“A dificuldade de locomoção nas estradas que ligavam a Marilândia era enorme. Não foram poucas as oportunidades em que os padres ficavam atolados na lama, com dificuldades em seguir viagem para Ourinhos (SP). Por isso, o superior da missão brasileira pediu ao bispo da Diocese de Jacarezinho a Paróquia de Apucarana.”¹⁴

A estrada de ferro facilitava a comunicação entre Ourinhos (SP) e Apucarana (PR). A imagem abaixo apresenta a inauguração da Estação Ferroviária de Arapongas em 1941¹⁵. A estação de Apucarana foi aberta no ano seguinte.

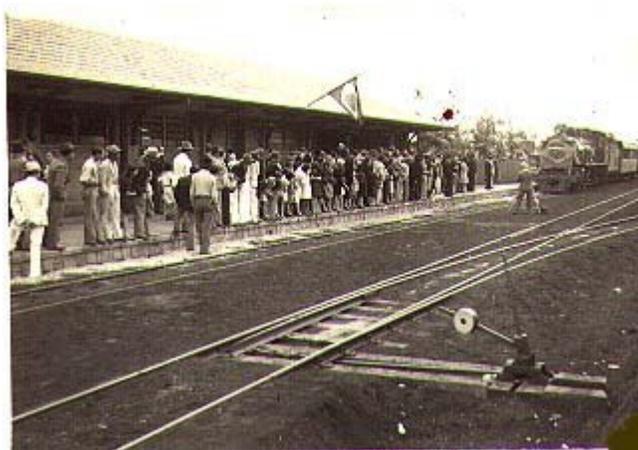


Fig. 1: Estação ferroviária de Arapongas

Em novembro de 1948, ao assumirem a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Apucarana, em substituição ao padre Francisco Korner, a cidade passou a ser o centro da missão no norte do Paraná¹⁶. Desse modo, também passaram a atuar na comunidade de Cambira, que fazia parte da paróquia de Apucarana. A região que recebia muitos migrantes precisava de muitos padres. No ano de 1954 a Congregação dos Oblatos pôde expandir seu trabalho para Bom Sucesso e Jandaia do Sul¹⁷.

Em Cambira, logo os fiéis se mobilizam para construir uma pequena capela de madeira. E aqui fica uma questão divergente. Não é possível saber ao certo se essa capela de madeira é a mesma que o Sr. Antenor diz que foi construída em 1947. É possível que essa tenha sido uma capela inda menor que a que aparece nas figuras 2 e 3¹⁸. Essas imagens que apresentam, respectivamente, a igreja em construção e a fachada pronta, parecem ser de um período posterior.



Fig. 2: Construção da Igreja Central de Cambira



Fig. 3: Frente da Igreja Central de Cambira

Quando essa comunidade já se encontra desenvolvida suficientemente, poderia então se tornar uma paróquia. Normalmente uma paróquia é instituída para facilitar a administração eclesiástica em razão do crescimento da população e da extensão territorial que essa pode cobrir – o que possivelmente torna difícil a participação dos fiéis na Igreja Matriz.

No mesmo dia 30 de abril de 1959, o bispo Dom Geraldo Fernandes (CMF) nomeou o Pe. Erminio di Gioia (OSJ) como pároco da nova paróquia. E ele mesmo assinou o termo de abertura do *Livro Tombo*, introduzindo a seguinte expressão: “para que nele sejam relatados os principais acontecimentos da vida paroquial de Cambira”. Essa expressão padrão sintetiza a principal finalidade do *Livro Tombo*. Ele é um espaço da memória e será uma fonte para a história da paróquia, mas não é nem um pouco pleno. É fruto da perspectiva de quem sobre suas páginas registrou o que concebeu como “principais acontecimentos”.

A “memória coletiva”, considerando o pensamento de Le Goff¹⁹, é “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”. A memória deve ser compreendida como “um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”²⁰.

O *Livro Tombo* mesmo com suas limitações, acaba muitas vezes sendo a principal fonte de memória de um grande número de municípios no interior do país. Em Cambira não é diferente. São nessas páginas, mal rabiscadas às vezes, que se podem encontrar informações sobre as atividades que retiravam as pessoas de suas casas para interagirem na comunidade. São essas informações, de forma geral, que testificam a existência dessa comunidade.

A solenidade de posse do primeiro vigário da nova paróquia é descrita nas primeiras páginas do *Livro Tombo*. Além da presença do bispo diocesano Dom Geraldo Fernandes, a celebração contou também com a presença do Revmo. Pe. Armando Círio (OSJ), vigário de Apucarana, com autoridades civis e representantes das Irmandades. Houve vários pronunciamentos e depois uma Missa.

O Pe. Erminio di Gioia (OSJ) escreveu que o evento “deixou na alma de todos os presentes e” – no seu coração de Sacerdote – “uma grande emoção e no mesmo tempo um grande estímulo para trabalhar animadamente para o bem espiritual de todas as almas” a ele confiadas²¹.

Na mesma ocasião foi confirmada a primeira diretoria da Paróquia para cooperar na administração. Organizada a estrutura administrativa e os grupos religiosos da nova Paróquia, as próximas atividades desenvolvidas no seio da comunidade podem ser analisadas como uma opção de interação social entre os moradores do distrito.

Atuação e interação em Cambira

Dentre os principais aspectos do estabelecimento e a atuação dos padres josefinos em Cambira e os elementos representativos da memória de cidadãos cambirenses relacionados à formação da comunidade católica, estão aqueles que contribuíram para a interação social local.

“As pessoas que vão se achegando a Cambira durante sua formação, principalmente na Vila onde se desenvolverá a área urbana, sofreram um processo de integração sociocultural ao adotar gradualmente as pautas de comportamento do novo ambiente, e desenvolvem relações sociais com gentes que antes lhes eram estranhas. Também dentro da Paróquia existe o exercício de integração através das atividades. A integração de um grupo quer dizer que os membros deste desempenham seus papéis recíprocos em interdependência mútua com o fim de obter os objetivos dos mesmos”²².

Os apontamentos relativamente cronológicos e em tons descritivos do *Livro Tombo* contribuem para o conhecimento sobre esse tipo de atividade. Nele são apontados acontecimentos que possibilitavam o envolvimento dos habitantes locais nas missas, nas rezas do rosário, nas festas comemorativas, nas campanhas para construções, nos concursos paroquiais. Nesses encontros, mais do que exercitar a fé, as pessoas têm a oportunidade de compartilhar vivências. E através da cumplicidade nesses acontecimentos torna-se possível o autorreconhecimento de participante na comunidade.

Abrindo o rol de atividades anotadas está o mês mariano, maio de 1959. Para encerrar o mês, as irmandades de todas as capelas se juntaram para assistir a Coroação de Nossa Senhora e para a consagração de toda a paróquia ao Sagrado Coração de Maria. No mês seguinte houve a Consagração ao Sagrado Coração de Jesus, com reza da novena. O Padre escreveu que durante esse mês, somando todas as noites, 95 famílias foram visitadas e consagradas ao Santíssimo Coração de Jesus. A visita às famílias certamente é uma forma de familiarizar o pároco aos fiéis²³.

Em agosto foi organizada a primeira festa na matriz. O pregador da missa vespertina foi o Pe. Agostinho Cola. Na ocasião da festa foi organizado um concurso de “Rainha do Café”. O Sr. Antônio Roberto comenta: “da rainha do café eu lembro de moleque, que a gente residiu dois anos no Cruzeiro, [...] e já tinha né. Inclusive uma irmã minha participou... [...]. E como movimentava hein!? Era rainha pra cá e tal...”²⁴. A renda da festa era destinada ao pagamento das dívidas que foram feitas para instalação da paróquia. Nesse tipo de festa muitas pessoas da região costumavam se reunir para as celebrações na igreja. Em outubro houve a reza solene do Santo Rosário. A participação das crianças chamou a atenção do Pe. Erminio, que as comparou aos “pastorinhos” de Fátima, por rezarem o terço “aos pés de Nossa Senhora”²⁵.

Com o intuito de ter um local multiuso para a comunidade, a comissão da matriz determinou o início da construção de um salão paroquial para múltiplas atividades. Poderia ser usado para reunião das irmandades; para iniciar a escola paroquial; para a diversão dos fiéis ou mesmo para um cinema paroquial e teatro. Para realizar esse objetivo, toda a comunidade é estimulada a participar da promoção para arrecadação de fundos. Normalmente uma festa é organizada para possibilitar a arrecadação. Após a execução, a inauguração foi marcada. No dia 19 de março, data na qual se celebrava o dia de São José, padroeiro da matriz. Para esta ocasião foi marcada outra festa. Festa que reúne as pessoas da vila urbana e a grande massa da zona rural.

No referido dia compareceu o Revmo. Bispo Diocesano Dom Geraldo Fernandes para inaugurar o salão paroquial. Um prédio de 26 metros de comprimento, por 10 de largura, com 5 de altura. O edifício reserva um espaço para uma máquina de cinema e um palco. À tarde o palco foi inaugurado com apresentação de peças teatrais e a máquina de cinema com um curta-metragem. Veja na Fig. 4²⁶. A data na legenda refere-se ao ano de planejamento da construção e não à data da foto.

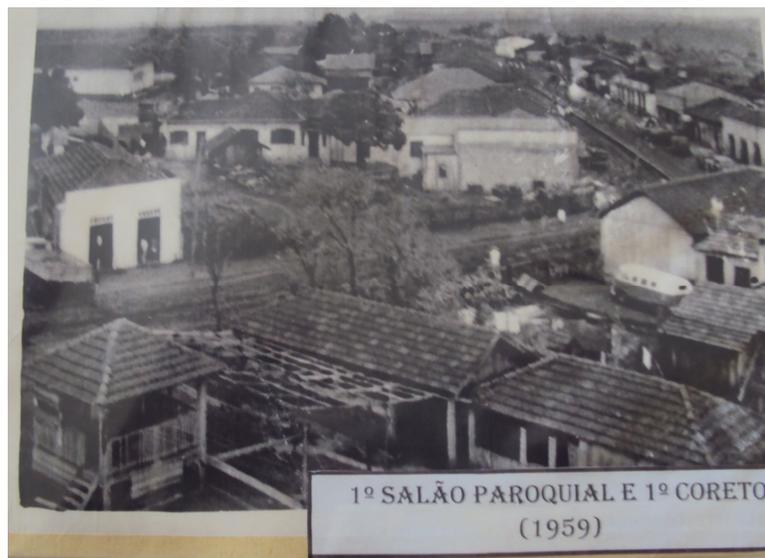


Fig. 4: Coreto e salão paroquial

Em 21 de março de 1960, a escola paroquial “São José do Cambira” teve seu primeiro dia de aula. A primeira turma era composta de 42 alunos, dos quais 32 frequentavam o 1º. ano e 10 frequentavam o 2º. ano primário, todos das 12h às 18h30. Na zona rural também existiam várias “escolas isoladas”, que concentravam alunos das redondezas.

A primeira celebração da Páscoa na Paróquia parece ter chamado a atenção da população²⁷.

Em oito de maio do mesmo ano foi inaugurada uma nova capela. A comunidade que se formava ali foi chamada pelo nome de Bairro Nossa Senhora Aparecida, considerando uma promessa que fez o doador do terreno. A padroeira foi a própria que dá nome ao Bairro. Fica a 5 km de distância do Rio Bom. No mesmo dia foram estabelecidas as irmandades dos Congregados Marianos, Pia União das Filhas de Maria, Senhoras do Apostolado da Oração e Cruzada Eucarística Infantil. Sobre o povo, anota-se, semelhante a outras ocasiões, que o mesmo “ficou muito satisfeito [pela] nova Capela, recebendo assim uma grande oportunidade de poder satisfazer com mais facilidade as próprias obrigações religiosas e recepção mais freqüente dos santos sacramentos”²⁸.

Embora exista uma espécie de calendário paroquial para as atividades das comunidades, cada ano pode receber algo novo. Para as atividades do mês de maio desse ano o pároco procurou inovar em alguma. Ele anota que “para suscitar um pouco de animação e emulação entre as Capelas, foi organizado um Concurso Mariano”²⁹. Em cada capela ou na matriz foram escolhidos representantes para receberem uma imagem de Nossa Senhora que devia percorrer todas as casas de cada respectivo bairro. O grupo que alcançasse o maior número de visitas domiciliares, de reza do rosário, de freqüência do povo (em número de pessoas por noite) e de arrecadação (em

dinheiro ou em cereais) seria proclamado, no encerramento oficial a realizar-se na matriz, vencedor do Concurso Mariano 1960.

Parece que a ideia foi bem recebida e Cambira ficou animada durante as atividades do evento. No encerramento todas as comunidades das Capelas se dirigiram a matriz. O Padre anota que “nunca viu tanto povo no Cambira e tantas conduções”³⁰.

No período da tarde foi realizado um desfile pelas ruas com as imagens das Santas. Num palco enfeitado defronte à matriz, foi dado o resultado. As pessoas se aglomeravam ansiosas. Talvez alguns arriscassem um palpite. Outros torcessem por seu grupo. E então o resultado: a vencedora do Concurso Mariano foi a Capela de Santo Antônio Itacolomi. Após a proclamação houve a representação de quadros viventes da vida de Nossa Senhora e outros. O Padre não deixa de anotar no *Livro de Tombo* que o povo ficou muito satisfeito.

Sobre os concursos, festas, reuniões das Irmandades, apresentações teatrais e outras ações o Sr. José Jordão Beleze, sua esposa a Sra. Elena Nakad Beleze e o Sr. Antônio Roberto Toledo Pires³¹ afirmam que esse período da história da paróquia foi bastante agitado, com muitas atividades que mobilizavam a comunidade. A Sra. Elena comenta que o Pe. Erminio “era a muito bacana com os jovens, né. E nós fizemos teatro na época dele. Ele tinha pilhas de livros, assim, de teatro. [...] Ele convidou um grupo, assim, que tinha interesse, né, e formou um grupo de teatro”. As peças eram apresentadas no salão paróquia. Em uma ocasião a Sra. Elena declamou um poema para a abertura de uma peça. “... eu declamei um poema de Castro Alves que eu estava decorando e o padre quis para a abertura do teatro. Eu me lembro que me emprestaram uma manta [...] que veio da Espanha, [...] tipo um chalé grandão”, diz ela. O grupo sempre ensaiava com o padre. Ela ainda acrescenta: “naquela época a gente era tudo criança e dava ataque de riso e a gente não conseguia fazer. Mas ele tinha uma paciência e espera, esperava... Aí a gente fazia certinho”. Com entusiasmo ela afirma:

“o Pe. Ermínio era muito animado. Tudo que ele fazia, a gente tava no meio. [...] E minha família não era assim muito de igreja, sabe? [...] Mas eu desde pequenininha gostava. Desde a ‘cruzadinha’... a gente participava de canto de tudo, Nossa Senhora! Eu vivia lá. Era aquela igreja antiga, de madeira, com o altar tudo cheio de degrauzinho [...]. Depois fui Filha de Maria, e comecei a namorar ele [seu esposo José Beleze] e ele também era congregado mariano, né?”.

Aliás, parece que não existiam muitas atrações para o povo de Cambira naquela época, exceto algum torneio de futebol. A ida para as cidades vizinhas não era simples, pois normalmente exigia que se tomasse transporte público. Sra. Elena conta que “quando chovia em Cambira era uma festa. Ficava aquele monte de carro atolado na lama”. Contava-se com o trem, mas como a Sra. Elena aponta, os atrasos deixavam muitas pessoas irritadas. A Sra. Luiza Capelotto³² relata que as festas e missas da igreja também eram ocasiões para rever os amigos, conversar. A Sra. Elena diz: “eu me lembro muito das festas da igreja, né. Mais era muita gente!”. E o Sr. Antônio Roberto confirma: “Era muita gente!”. Ambos ao mesmo tempo: “e tinha aquelas barraquinhas em volta”. “Então as festas eram assim, muita barraquinha lotada, a outra barraca de brinquedo, aqueles aviõezinhos pra crianças...”, diz a Sra. Elena. “coelho, porquinho [de brinquedo]...”, acrescenta o Sr. Antônio. “Todo pessoal da Congregação mariana [...] todos trabalhavam... não é como hoje [...]”. “Se empenhavam”, comenta o Sr. Antônio. O Sr. José Beleze acrescenta que também tinha o futebol. E a Sra. Elena comenta entusiasmada: “até eu gosta de ir pro campo!”. Ela ainda comenta que o máximo que se ia além de Cambira era até Jandaia ou Apucarana, e que “se perdesse o último ônibus, meu Deus!”.

O novo pároco, o Pe. Francisco Guffi (OSJ) provavelmente assumiu o cargo em Cambira em 1961. A professora das séries iniciais, Selena Dela Pietra, conta que o Pe. Francisco Guffi sempre a chamava para organizar seus alunos para apresentações de danças no salão³³. Sobre esse

ano não há nenhum registro no *Livro Tombo*. Na visita do bispo Dom Geraldo Fernandes a Cambira em 18 de março de 1962 isso não ficou despercebido. O mesmo deixou uma advertência ao vigário para que “procure ter [...] os livros paroquiais sempre em dia, sem excetuar este Livro Tombo [onde ele faz essa advertência], onde deverá anotar os principais acontecimentos da Paróquia com as datas à margem”³⁴.

Na ocasião, foi lançada a pedra fundamental da nova igreja e 296 crianças foram crismadas. Na sequência, é dado início aos trabalhos da nova matriz. Ainda nesse mês foi organizada pela Congregação Mariana e da Pia União das Filhas de Maria uma visita domiciliar da imagem de Nossa Senhora a cada família, tanto da matriz quanto das capelas. Anota-se que “os fiéis tomam parte a esta devoção com grande fé e confiando em Nossa Senhora”³⁵.

A partir de apontamentos rápidos, tem-se um pouco de noção das atividades desenvolvidas na comunidade. A professora Selena Della Pietra, que chegou com sua família em Cambira por volta do ano de 1961, relata que não havia muita gente na cidadezinha. Segundo ela, a grande população estava concentrada na zona rural. Com a fala marcada pela emoção da recordação, ela diz que:

“As festas eram festinhas de igreja né. Quando tinham que comemorar o padroeiro... quando fazia algum almoço. Era pouca gente que tinha. O pessoal morava muito no sítio. No sítio mesmo que a gente morava ali tinha uma família. Eu dava dois períodos de aula, cedo e à tarde. E também viajava a cavalo lá nos alemães. No começo eu ia a cavalo. Naquele tempo tinha bastante alemães e poloneses.”³⁶

Não há muitas fontes de informação sobre a atividade religiosa na zona rural, mas a professora Selena contribui com informações de como eram as atividades entre os jovens no campo em meados da década de 60.

“No sítio era muita gente, sabe?! O povo lá gostava de andar à noite. Passar em casa, contar história, brincar. A gente não tinha televisão. E rádio quase não tinha. Então a gente reunia a rapaziada, as moças... a gente brincava de roda, mesmo. De passar anel. E tinha umas músicas que a gente cantava envolvendo os casais. Era uma coisa assim meio que de namorico, sabe?! Aí a gente escolhia o par que a gente queria... a gente fazia a noite assim, diante do pasto verdinho. Nos domingos a gente fazia essas brincadeiras. A gente brincava de “olha o macaco na roda”. A gente fazia um círculo... tudo em par, um homem e uma moça. Aí um ficava no meio e os dois círculos ao redor giravam enquanto cantavam: “Olha o macaco na roda, olha o macaco na roda”. Então o macaco gritava: “Oi”. Aí cada um tinha que buscar seu par. Aí o que sobrasse sem par era o macaco. Era muito divertido. Era bem diferente do que é hoje... esse povo tomando cerveja... só drogas! Lá era uma coisa tão inocente, que eu fico pensando: ‘Meu Deus, como que nós brincávamos de roda!’ Os rapazes e as moças. Bailes quase não tinha lá. Também brincava de jogar lenço.”

No *Livro Tombo* há poucos detalhes. São mencionadas as festas realizadas nas capelas dos bairros Sete de Maio e Santo Antônio.

Com colheita do café a comunidade aproveita para fazer a campanha em benefício da construção da matriz. Por volta do mês de agosto, as paredes já começam a ganhar altura. A fig. 5 apresenta as paredes altas. Deve ser uma imagem de pouco depois de 1962.



Fig. 5: Construção do novo prédio da Matriz de Cambira

Também em Itacolomi a nova igreja já estava adiantada. Em agosto foi realizada a festa de Nossa Senhora da Assunção, padroeira da capela. Foi vendida a rifa de um Jeep para angariar fundos para a construção da matriz. Setembro seria marcado por festas nas capelas em louvor a Nossa Senhora Aparecida. Em outubro, o terço nas capelas e nas casas seria a atração. O motivo principal dessa vez é pedir a Nossa Senhora do Santo Rosário a proteção e o bom êxito no Santo Concílio Ecumênico Vaticano II.

Um vendaval acarretou prejuízos à construção da Matriz, mas o Padre anota que mesmo depois dos estragos causados pelo vendaval, “o povo, depois do primeiro choque, não desanima e continua a construir generosamente”³⁷. Em Itacolomi, a igreja que estava em construção já se encontrava coberta e o povo celebrava, no início do ano, a festa de São Sebastião. Em 17 de março, o bispo visita a paróquia. Ele também comparece a Matriz em Cambira e a capela de Itacolomi, onde realiza a crisma.

Após a programação pascal do mês de abril, houve reza do terço nas famílias, atividade que dinamizou o mês de maio. Nesse mês a comunidade se organizou em campanha para arrecadar cereais em benefício dos seminaristas com poucos recursos financeiros e também para ajudar nas obras da paróquia. Anota-se que “todos concorrem e dão de boa-vontade”³⁸.

Durante o mês de setembro, a paróquia contou com a participação do missionário Caretiano Pe. Asterio Pascoal. As atividades desse mês movimentaram a comunidade. A Sra. Elena comenta que “na época das missões era muito bonito... O povo madrugava...”. E o Sr. Antônio Roberto complementa: “quanta gente você via nessas ruas amanhecendo, cindo horas...”. Por várias capelas houve confissões, comunhões, visita a enfermos e algo que parece ser bastante significativo quanto à integração social. Foram feitas várias regularizações de uniões “ilegítimas” (do ponto de vista católico), outros que estavam afastados da participação das atividades religiosas foram conduzidos novamente aos sacramentos da igreja. Conta-se que “foram feitas nove mil comunhões, legitimados quarenta e seis casamentos, feitas 55 práticas, 24 conferências”³⁹ e 22 doentes foram visitados. Essa iniciativa procurou aproximar as pessoas mais afastadas das celebrações da Igreja.

No mês de outubro, como nos anos anteriores, rezou-se o rosário. E continuou a construção da nova matriz. O madeiramento já estava cortado e pronto para ser utilizado na solidificação do prédio. Em novembro foi preparado o piso da igreja e depois de dezenove meses do lançamento da pedra fundamental da matriz, ela já se encontrava coberta. Desse modo, conforme aponta o *Livro de Tombo*, as festividades do Natal de 1963 já poderiam ser realizadas no templo⁴⁰.

No mês de março de 1964 ocorrem as celebrações ao padroeiro São José, para arrecadar fundos para a construção da nova Igreja. Na Semana Santa a paróquia contou novamente com a presença do Pe. Asterio Pascoal (CMF). Em maio todas as irmandades se movimentam para rezar o terço com as famílias.

Embora o *Livro Tombo* tenha anotações de todos os meses e os relatos sejam bem limitados sobre o período de formação da comunidade. É possível conhecer um pouco das experiências dos cambirenses que participavam da comunidade católica nesse período. Muitas experiências vividas e suas formas estão à mercê do tempo, diante da memória e do esquecimento. Cabe destacar o que diz a Sra. Elena: “hoje a vida é tão corrida que quando a gente começa a contar alguma coisa pros filhos eles dizem: ‘nossa, mãe! Era assim...?!’ Uai, vocês não vêm sentar perto da gente, pra gente poder contar! [...] Mas é tudo muito corrido!”⁴¹

A passagem dos padres josefinos por esse local não foi longa. Em 27 de Dezembro, é assinada pelo Papa a Bula de Criação da Diocese de Apucarana e ocorrem mudanças no cenário.

A partida dos josefinos do município.

A nova Diocese de Apucarana passa a ter o primeiro Bispo, na pessoa do Revmo. Dom Romeu Alberti. A celebração de ereção da Diocese e posse do Bispo aconteceu em 28 de Março de 1965. Anota-se que vinte mil pessoas compareceram à cerimônia. A Paróquia de Cambira passa a fazer parte dessa Diocese. Segundo dados apresentados pela própria Diocese, no ato da posse do primeiro bispo de Apucarana, dos seus 28 sacerdotes, somente 3 eram diocesanos, os outros eram de Congregações ou Institutos⁴².

“A Congregação dos Oblatos de São José entregou oficialmente a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, de Apucarana, ao bispo Dom Romeu Alberti no dia 28 de maio de 1965. A saída dos josefinos causou certo descontentamento na cidade. A população não compreendia o que estava ocorrendo e julgava ser simplesmente uma decisão do bispo. Na verdade, a iniciativa partiu da própria Congregação. Os josefinos entendiam que a paróquia deveria ficar à inteira disposição do bispo, pois seria sede da Catedral”⁴³.

Isso parece ter motivado a Congregação a entregar aos cuidados da diocese também a paróquia de Cambira. Dom Romeu Alberti, então, em 1966 designou o Pe. João Rodrigues para cuidar da Paróquia São José de Cambira.

A Congregação dos Oblatos precisou restringir seus trabalhos por falta de padres. Muitos tinham a idade avançada e outros faleciam. Em 1968 a Congregação tinha no Brasil apenas 23 sacerdotes em atividade.

Considerações finais

Por meio desse trabalho, percorre-se o processo de formação da comunidade católica de Cambira (PR) contemplando a atuação dos padres josefinos e alguns aspectos da memória cambirenses. Os trabalhos na região de Cambira fazem parte do período inicial da atuação dos Oblatos no norte do Paraná e são o início da comunidade católica naquele local. A atuação no desenvolvimento da comunidade local é também o oferecimento de atividades interacionais, onde as pessoas compartilham suas experiências e os acontecimentos. Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, várias dificuldades apareceram: a primeira é que embora o desenvolvimento da

história oral seja fundamental para esse tipo de trabalho, restaram poucas pessoas daquele período; outra dificuldade é que existe basicamente o *Livro Tombo* como documento escrito; embora seja o documento mais importante, o *Livro Tombo* apresenta várias lacunas e suas anotações por irresponsabilidade dos párocos; As pouquíssimas fotografias que existem não apresentam informação de autor, data, e local. Os elementos representativos da memória de cidadãos cambirenses relacionados à formação da comunidade católica e à atuação dos josefinos disputam incisivamente com o esquecimento. A atuação dos josefinos em Cambira não apresenta nada de excepcional, segue o padrão de outras paróquias no Brasil, no entanto, o que é particular nessas atividades é que essas não são de outros, são da comunidade cambirenses. A partida dos josefinos de Cambira ficou entre a memória e o esquecimento.

¹ Estimativa das populações residentes, em 1 de julho de 2009, segundo os municípios. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf acesso em 16 de abril de 2010.

² PARANÁ. Decreto 30/53 de 26 de novembro de 1953. Eleva Cambira a município.

³ PARANÁ. Lei nº 4.338 de 25 de janeiro de 1961. Eleva Cambira a condição de Município.

⁴ CAPELATO, Narciso. *Cambira*. Governo do Paraná, Secretaria de Estado da Cultura, 1998.

⁵ CLAUDIANO, Nivalci. *Livro da memória cambirenses e alguns resumos*. Cambira: Nivalci Claudiano Editora, 1997.

⁶ CAPELATO, Narciso. *Cambira*. Governo do Paraná, Secretaria de Estado da Cultura, 1998.

⁷ Atualmente os josefinos marellianos estão presentes em algumas cidades dos estados do Paraná, São Paulo e Mato Grosso.

⁸ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

⁹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1990. p. 473-474

¹⁰ *Cordis Mariae Filii*.

¹¹ Decreto de fundação da Paróquia de Cambira-PR. Registrado na Cúria Diocesana de Londrina-PR em 1 de maio de 1959.

¹² *Cambira*. Governo do Paraná, Secretaria de Estado da Cultura, 1998.

¹³ CALSAVARA, Antenor. *Histórico*: Início da cidade de Cambira. Cambira, PR: Mimeo, 1991. Declaração do Sr. Antenor Calsavara, que chegou à região na qual viria a ser Cambira no ano de 1946, juntamente com sua família. Vieram de Penápolis, região noroeste do Estado de São Paulo.

¹⁴ KLEIN, Fernando (org.). *Uma breve abordagem histórica da Congregação dos Oblatos de São José no Brasil (1919-2009)*. Curitiba: Província Nossa Senhora do Roccio – Congregação dos Oblatos de São José, 2009, p. 22.

¹⁵ Imagem e informação disponível em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-spp/arapongas.htm> acesso em 05 de julho de 2011.

¹⁶ KLEIN, Fernando (org.). *Uma breve abordagem histórica da Congregação dos Oblatos de São José no Brasil (1919-2009)*. Curitiba: Província Nossa Senhora do Roccio – Congregação dos Oblatos de São José, 2009, p. 24.

¹⁷ *Ibid.* p. 24.

¹⁸ Fig. 2 e 3 são de autores desconhecidos. São do acervo da Prefeitura Municipal de Cambira.

¹⁹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1990. p. 473-474

²⁰ *Ibid.*, p. 477.

²¹ Livro Tombo da Paróquia São José de Cambira (PR), p. 3.

²² ARZANI, A.; RODRIGUES, J. P. P. Paróquia São José: interação da comunidade católica segundo os registros paroquiais do Município de Cambira, Paraná (1954-1964). ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html> acesso em 05 de julho de 2011.

²³ Livro Tombo da Paróquia São José de Cambira (PR), p. 3.

²⁴ Sr. José Jordão Bezeze, sua esposa a Sra. Elena Nakad Bezeze e o Sr. Antônio Roberto Toledo Pires. Entrevista concedida em agosto de 2010, em Cambira, Paraná. Tempo de duração: 1h12min.

²⁵ *Ibid.*, p. 4.

²⁶ *Fotografia do coreto e do salão paroquial de Cambira*. Autor desconhecido. Data: aproximadamente 1960.

²⁷ Livro Tombo da Paróquia São José de Cambira (PR), p.6.

²⁸ Ibid, p.7.

²⁹ Ibid, p.7.

³⁰ Ibid, p.8.

³¹ Sr. José Jordão Beleze, sua esposa a Sra. Elena Nakad Beleze e o Sr. Antônio Roberto Toledo Pires. Entrevista concedida em agosto de 2010, em Cambira, Paraná. Tempo de duração: 1h12min.

³² Luiza Capeloto, dona de casa. Entrevista concedida em junho de 2011, em Cambira, Paraná. Tempo de duração: 15min.

³³ Selena Della Pietra, professora. Entrevista concedida em junho de 2011, em Cambira, Paraná. Tempo de duração: 32min.

³⁴ Livro Tombo da Paróquia São José de Cambira (PR), p.9

³⁵ Ibid, p.11.

³⁶ Selena Della Pietra, professora. Entrevista concedida em junho de 2011, em Cambira, Paraná. Tempo de duração: 32min.

³⁷ Livro Tombo da Paróquia São José de Cambira (PR), p.13.

³⁸ Ibid, p.13.

³⁹ Ibid, p.14-15.

⁴⁰ Ibid, p. 15.

⁴¹ Sr. José Jordão Beleze, sua esposa a Sra. Elena Nakad Beleze e o Sr. Antônio Roberto Toledo Pires. Entrevista concedida em agosto de 2010, em Cambira, Paraná. Tempo de duração: 1h12min.

⁴² *Nossa História*. Disponível em <http://www.diocesedeapucarana.com.br/?p=diocese> acesso em 05 de julho de 2011.

⁴³ KLEIN, Fernando (org.). *Uma breve abordagem histórica da Congregação dos Oblatos de São José no Brasil (1919-2009)*. Curitiba: Província Nossa Senhora do Roccio – Congregação dos Oblatos de São José, 2009, p. 29.